

Mário Pereira

Um homem de mudanças

Mário Pereira não é um homem de acomodações. A história de sua vida é pontuada por muitas mudanças, trocas de desafios e variações de rotas. Nascido em Itajaí-SC, com quatro anos mudou-se para Joinville, no mesmo estado, cidade que ficou na memória de sua primeira infância, época em que costumava nadar no Rio Cubatão, então um belo curso d'água com fundo de seixos rolados. Aos sete anos, seguiu os pais rumo à capital catarinense, onde se graduou em Engenharia Elétrica, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1967. A família mudou-se do interior quando o avô materno de Mário, Ernesto Meyer, faleceu, deixando para o genro um grande escritório de representação.

Do período em Florianópolis, lembra-se com saudade dos parentes, dos amigos, dos banhos de mar, dos dias de torcida pelo time de futebol do Avaí e pela Escola de Samba Protegidos da Princesa, durante o Carnaval – preferência momesca que não era muito fiel, já que vacilou quando viu a empregada da família desfilar com suas belas pernas na concorrente Embaixada Copa Lorde. Hoje, continua torcendo pelo Avaí, mas ainda mais pelo Atlético Paranaense. Também guarda recordações da rígida disciplina do Colégio Catarinense, dirigido por padres jesuítas, onde estudou.

Na Escola de Engenharia da UFSC, foi presidente do Diretório Acadêmico e orador de sua turma na solenidade de formatura.

Logo depois de formado, foi contratado por uma empresa de São Paulo que, decorridos dois meses, o enviou para um estágio de seis meses em obras no interior do Paraná. Passou por Umuarama, Maringá, Foz do Iguaçu, Pato Branco e Cascavel, trabalhando em obras nessas cidades sob a supervisão de um engenheiro-chefe. Demorou apenas dois meses para ser promovido: o engenheiro passou-lhe o bastão de comando, e Mário começou a chefiar as obras de subestações e usinas diesel naquelas cidades. Em Cascavel, conheceu a mulher com a qual se casaria em 1969, Marlene Casagrande.

O Paraná estava instalando seu sistema elétrico em 230kV, e Mário foi montar a subestação de Apucarana, onde instalou o maior transformador trifásico fabricado no país até então (75 MVA). Seguiu depois a Maringá para montar outra subestação de 230kV. Em 1972, voltou a Cascavel – desta vez, não apenas para mudar de cidade, mas também de emprego: pediu demissão da empresa paulista para montar seu próprio negócio, com mais dois sócios. A empresa Lince Construções foi pioneira em incorporações imobiliárias no Oeste do Paraná.

Mudança para a capital

Pereira só deixou Cascavel em 1983, rumo a Curitiba, para assumir a cadeira de deputado estadual. Seu envolvimento com a política partidária começara em 1974, ano em que se filiou ao MDB, integrando a executiva do partido como vice-presidente. No ano seguinte, assumiu a presidência, que manteve em sucessivas reeleições até 1983. Ganhou cacife eleitoral como presidente do diretório municipal, realizando um grande programa de filiações que incluiu a criação de oito subdiretórios do partido na zona rural. Além disso, tinha uma vida social muito ativa, como presidente da Associação de Engenheiros e Arquitetos do Oeste do Paraná, membro da Associação Comercial de Cascavel e presidente do clube social mais antigo da cidade, o Tuiuti Esporte Clube.

Depois de se fixar no Oeste paranaense, a eleição significou mais uma grande guinada em sua vida. Por 12 anos, dedicou-se à política. Mudou-se para a capital com toda a família: a esposa Marlene e os filhos

Luiz Fernando, Luciana e Denise. No começo, ia para Cascavel todo fim de semana. Depois do primeiro mandato de deputado, foi reeleito. Recebeu então o convite do governador Alvaro Dias para assumir a Secretaria de Estado da Administração. Considera o período à frente da pasta como o de maior realização de sua carreira no serviço público. Atacou de frente um dos grandes problemas da época: o excesso de funcionários públicos no Estado, que constituíam um grande peso para as finanças públicas.

Na época, anterior à Constituição de 1988, ainda era possível contratar funcionários públicos pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O número de funcionários públicos no Paraná havia crescido assustadoramente nos anos anteriores. O excesso de pessoal criava dificuldades para o poder público manter a alta folha de pagamentos. Pereira, com sua equipe, desenvolveu um programa batizado de Orçamento Discriminado de Recursos Humanos, que incluía a montagem e manutenção de um banco de dados com todos os funcionários, de modo a ser possível atender à demanda de mão de obra com o pessoal disponível, fazendo os remanejamentos adequados, simplesmente transferindo funcionários em excesso em determinados setores para aqueles onde havia falta de pessoal.

Assim, estancaram-se as contratações desnecessárias. Graças a esse processo, que contou com todo o apoio do governador, foi possível inverter a curva ascendente do número de funcionários públicos, sem qualquer programa de demissões. No fim de seu período à frente da secretaria, o número de funcionários da administração direta e autárquica havia pela primeira vez diminuído em dois por cento, ao contrário do crescimento de dez por cento previsto pela série histórica. Diminuir o número de funcionários é muito difícil, por vários motivos, explica Mário. Nenhum gerente reclama de excesso de quadros, só se queixa de “falta de pessoal” (gerando pressão para contratar). E todo gerente se sente tanto mais importante quanto maior for a quantidade de subordinados, situação importada da cultura militar: quanto mais soldados, mais importante o comandante.

No Governo do Paraná

Quando planejava candidatar-se a deputado federal, Roberto Requião, com quem Mário Pereira tinha uma convivência muito próxima, convidou-o para integrar sua chapa ao Governo do Estado, como candidato a vice-governador. Pereira aceitou, e sua chapa ganhou as eleições. O governador Requião nomeou-o secretário dos Transportes – nessa secretaria, a maior realização de Mário Pereira foi a construção, com a ajuda do Exército Brasileiro, da Ferroeste, antiga reivindicação dos produtores de soja do Oeste do Paraná.

Quando Requião renunciou ao mandato de governador para concorrer ao Senado, Pereira, que já substituíra Requião interinamente por 12 vezes, assumiu definitivamente o governo. Seu curto, mas profícuo mandato, durou nove meses. Nesse período, Pereira ressalta como suas maiores realizações a continuação das obras da Ferroeste, a criação da Universidade do Oeste do Paraná e, sobretudo, a adoção de um grande programa de combate à mortalidade infantil, além da continuidade dos programas do governo Requião. Manteve quase todos os secretários nomeados por Requião, mudando apenas os que se candidataram a cargos eletivos.

Durante seu período de governo, houve, por motivos vários, um afastamento de Requião, que logo se tornou público. Esse afastamento se pronunciou quando ambos disputaram a presidência estadual do PMDB, disputa vencida por Mário Pereira. Poucos anos depois, ambos se encontraram em Brasília e conversaram. “Tomamos um café juntos e, de certa forma, passamos a limpo alguns episódios que incomodavam os dois. Passamos a borracha em cima. Mas não voltamos mais a ter a relação próxima que tínhamos antes”, conta Pereira.

Pacificação

Quando Mário assumiu o governo, o Paraná estava sofrendo com inúmeras ocupações de terras em relação às quais havia pedidos de reintegração de posse por parte dos proprietários. Isso preocupava muito o novo governador, que vislumbrava a possibilidade de haver verdadeiras tragédias nas ações de desocupação. Ele apresenta sua visão do problema: “O pessoal que ocupa uma área é um grupo de famílias. Uma mãe, por exemplo, que tem uma filha adolescente, num acampamento, preocupa-se com ela como qualquer mãe. Se anoitece, e a filha não chega, essa mãe, como qualquer mãe na cidade, fica preocupada. E vivem lá, em condições precárias, com os problemas de alimentação, escola, vestuário, enfim, com um cotidiano próprio de uma família. Por outro lado, quando a polícia vai fazer a desocupação, o policial também tem que cuidar de si, da própria segurança. Tudo pode ocorrer.” Assim, o homem responsável por ordenar as ações de reintegração de posse fica ante um dilema: se nada faz, as ocupações de terras tendem a proliferar, e o Estado não cumpre sua função de garantidor do direito de propriedade; se ordena as ações, está sujeito aos riscos de uma operação dessa natureza, que pode resultar até em mortes em qualquer dos lados.

Pereira confessa ter uma ponta de vaidade com o resultado de suas decisões. Todas as ocupações foram resolvidas sem que houvesse qualquer ato de violência. Assim, em apenas nove meses, foi aplacado o conflito no campo, que tanta dor de cabeça causara ao seu antecessor, que sofrera até pedidos de intervenção pelo não cumprimento das decisões judiciais ordenando as reintegrações de posse. Pereira exalta a atuação do então secretário do Meio Ambiente, Vitório Sorotiuk, que se responsabilizou pelo diálogo com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e foi de grande ajuda para viabilizar a solução do problema.

Ao final de seu mandato à frente do Governo do Paraná, em 1998, Mário Pereira candidatou-se a deputado federal, mas não conseguiu se eleger. Diz ter cometido um erro “de amator”, por decidir candidatar-se na última hora e não preparar adequadamente a campanha. “Nas primeiras eleições de que participei, eu era contra a ditadura, e isso bastava para mobilizar o partido e as pessoas. Em 1990, como candidato a vice-governador, não precisei coordenar a campanha. Em 1998, após 12 anos sem disputar eleição, o quadro era totalmente diferente, e eu não percebi”, explica.

Depois dessa primeira derrota eleitoral, Pereira não quis mais candidatar-se. Permaneceu filiado ao PMDB até completar 34 anos de partido, em 2006, quando se desfiliou e abandonou de vez a carreira política.

Empresário

Até o final de 2014, Mário Pereira dedicava-se com entusiasmo às atividades de diretor de uma indústria, a IT Sistemas Construtivos S/A, voltada à produção de casas pré-fabricadas destinadas a atender às demandas do programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal. As casas são feitas com a utilização de tecnologia própria (material compósito), aperfeiçoada a partir de uma patente estadunidense adquirida pelo grupo empresarial no qual Pereira trabalhava. No início de 2015, aposentou-se.

Quando estava na ativa, Pereira acordava diariamente às 6h30min para começar o trabalho às 8 horas. Almoçava na própria empresa, na Cidade Industrial de Curitiba, para só estar de volta em casa perto das 19 horas. Nos fins de semana, costuma ir com os filhos e os sete netos a Camboriú, onde tem apartamento. O almoço de sábado reúne toda a família. Dois dos seus filhos também possuem apartamentos no mesmo prédio do litoral catarinense. Lá também costumam comemorar a passagem de ano. Reunir a família é uma de suas alegrias. A esposa gosta de cozinhar, e a filha caçula e o genro fizeram curso de culinária em Florença, na Itália – assim, muitas reuniões familiares tornam-se verdadeiros eventos gastronômicos.

Filho de mãe espírita e pai católico, Mário acabou por não aderir a nenhuma religião. Seus pais faleceram em Curitiba, para onde ele os levou já com idade avançada. Mário tem uma irmã, Eliana, e um irmão, Luiz Ernesto Meyer Pereira, nome importante da arte brasileira, diretor do Instituto Paranaense de Arte e da Bienal Internacional de Curitiba.

Vivendo da profissão que escolheu, depois de um intervalo de 12 anos de atividades políticas, Pereira afirma que aprendeu muito no serviço público. Hoje, lamenta a falta de espírito público do mundo político nacional. Reclama que a política, para muitos, virou negócio. Aponta como exemplo de homem imbuído de espírito público o diretor executivo da Itaipu Binacional, Nelton Friedrich. “Faltam na política mais homens que se entusiasmem e se realizem com a atividade pública”, avalia.

A opinião de Mário Pereira tem também o peso que lhe confere seu extenso currículo nas áreas pública e privada. Entre as atividades anteriores à sua derradeira atuação profissional, estas foram as mais importantes: presidente da Triunfo Iesa Infraestrutura S/A, em São Paulo; diretor comercial da Iesa Projetos, Construções, Montagens S/A; diretor corporativo do Grupo Rede (SP); diretor de programas especiais das Centrais Elétricas do Mato Grosso e das Centrais Elétricas do Pará; diretor da Inepar Energia; governador do Paraná; vice-governador do Paraná; secretário de Transportes do Paraná; deputado estadual e secretário da Administração do Paraná; presidente estadual do PMDB; presidente do MDB de Cascavel-PR. Gozando da aposentadoria após sua rica carreira, cheia de mudanças, o engenheiro, político e executivo nem pensa em dias de inatividade. Leitor frequente de livros históricos, mais particularmente de História do Brasil, diz que pretende ingressar numa faculdade e já escolheu o curso: História.